



O ator brasileiro Luciano Porto numa cena de *O Cego Que Gritava Luz*, de João Batista de Andrade, que resalta a claridade de Brasília e apresenta personagens familiares à cidade

A LUZ DE BRASÍLIA



Bernardo Scartezini
Especial para o Correio

Um cego gritava luz e dela se fez o novo filme do cineasta mineiro João Batista de Andrade, que será apre-

sentado esta noite no Cine Brasília, dentro da mostra competitiva do Festival de Brasília.

O Cego que Gritava Luz enfoca um contador de histórias, Dimas (Tonico Pereira), que com seus *causos* entretém os freqüentadores de um bar. Até que, certa vez, sua verborragia engasga e ele reluta em narrar até o fim o caso de um assassinato de duas meninas. O crime só teria tido uma testemunha: um rapaz cego, que apalpou o rosto de um dos matadores.

O filme foi totalmente rodado em Brasília, durante seis semanas. A escolha da cidade foi por causa de um elemento aparentemente corriqueiro mas que com o decorrer da narrativa ganha maior relevo: um lago. Mais precisamente o Lago Paranoá.

"A escolha não foi só por causa do lago, mas pelo visual e clima da cidade, que lhe confere as características de uma locação perfeita para a história", conta Assunção Hernandez, mulher de João Batista e produtora do filme.

E ela garante algo insuspeitado quando se trata da cidade: "O fato de Brasília ser capital federal nada influenciou na escolha. Os valores morais e os problemas sociais dos quais o filme trata podem acontecer em

qualquer parte do país", justifica.

Mas a urbe não é mera paisagem. No elenco estão vários nomes do teatro brasileiro, como Carmem Moretzsohn, Luciano Porto e Clarice Cardell, que atuam ao lado de Tonico (de *A Lira do Delírio* e *Memórias do Cárcere*) e Roberto Bomtempo (de *Lamarca* e *Quem Matou Pixote*).

"Brasília tem grandes atores e João Batista e eu decidimos usar o maior número possível deles", explica Assunção. "Uma coisa que gostamos de fazer é isso, brincar de descobrir novos talentos", completa. E foi ela quem escalou como protagonista de *A Hora da Estrela* (de Suzana Amaral) a desconhecida Marcélia Cartaxo, que arrebatou vários prêmios por sua atuação.

INTERVALO

O Cego que Gritava Luz é a primeira investida do autor do premiado *O Homem que Virou Suco* nas telas em dez anos, desde *O País dos Tenentes*, de 87. Esse intervalo de uma década não é fácil para quem vive do cinema brasileiro.

"Em 1990 tínhamos tudo certo para filmar a biografia do Vladimir Herzog (jornalista morto em uma sessão de tortura nos porões do DOI-CODI) até que saiu o plano Collor e foi tudo por água abaixo", lamenta Assunção.

O próprio João Batista de Andrade, desencantado, confessou ter pensado que nunca mais conseguiria filmar. Assunção Hernandez, produtora de cinema há 20 anos, garante que as dificuldades para filmar um longa já fazem parte do ofício. "Sempre tem a trabalhadeira para

conseguir recursos e, uma vez pronto o filme, tem todos os problemas de distribuição e da quantidade de salas de exibição. É uma luta e temos persistir nela", diz, sem se entregar. Assunção agora se orgulha com o fato de que o orçamento de *O Cego que Gritava Luz* conseguiu se prender no 1,1 milhão de reais previstos.

Apesar dos pesares, ela acredita que agora é a vez do cinema brasileiro. "Está havendo uma retomada muito forte e com produções de todos os gêneros, há uma diversidade muito benéfica e, o melhor, o Brasil tem público para seu cinema. As pessoas gostam do cinema nacional, só é preciso que os filmes che-

guem até elas, pois a resposta sempre foi e será positiva", encerra.

SERVIÇO

O CEGO QUE GRITAVA LUZ
De João Batista de Andrade. Com Tonico Pereira, Roberto Bomtempo e Luciano Porto. Hoje, às 20h30, no Cine Brasília. Complemento: Mr. Abrakadabra, de José Araripe Jr., e Victor Meirelles, de Penna Filho.